



Sustentabilidade
em Debate

José Eli da Veiga: Perspectivas para a Rio+20

*José Eli da Veiga¹
Por Saulo Rodrigues Filho²*

¹José Eli da Veiga, 64, é professor dos programas de pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI/USP) e do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ).

²Professor Adjunto da Universidade de Brasília e Diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB

ENTREVISTA

A presente entrevista reúne os principais pontos apresentados por José Eli da Veiga no encontro *Preparando a Rio+20: Por um Mundo Sustentável*, realizado no período de 24 e 26 de outubro de 2011, em Brasília. Por considerar de grande contribuição para o debate da Conferência das Nações Unidas, **Sustentabilidade em Debate** decidiu registrar a apresentação deste especialista. Para isso foram elaboradas algumas questões, que foram gentilmente respondidas por José Eli da Veiga. Confira a entrevista a seguir.

SeD - A Conferência de Cúpula das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), adotou como eixos temáticos a economia verde, o combate à pobreza e a governança ambiental. Partindo-se dessa agenda, quais as perspectivas de avanços significativos na construção de uma sociedade mais sustentável neste século XXI?

JEV – O único consenso que parece viável, da perspectiva de pouco mais de um mês antes da conferência, é sobre uma questão que nem se-



José Eli da Veiga

<http://bricspolicycenter.org>

quer está explícita na pauta: os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que deverão reforçar os do Milênio (ODM). Não está claro qual será o prazo para que a Assembleia Geral das Nações Unidas venha a adotá-los, mas é líquido e certo que essa recomendação sairá da Rio+20. Quanto

à economia verde e ao quadro institucional do desenvolvimento sustentável na estrutura da ONU (que não deve ser confundido com “governança ambiental”, como faz a pergunta), são mínimas as probabilidades de que se formem consensos.

Num contexto de crise econômica nas maiores economias do mundo, que se arrasta desde 2008, como o senhor avalia os riscos de fracasso da Rio+20 e as eventuais oportunidades que se abrem para a busca de um novo modelo de desenvolvimento?

Fracasso não haverá, pois qualquer coisa que saia da Rio+20 com certeza será melhor que o retrocesso da Rio+10, em Johannesburgo. Essa é a comparação que deve ser feita. Não com a Rio-92, que foi uma culminância de tratados que já vinham sendo negociados há mais tempo. Um exemplo é bem significativo: a Rio+20 certamente rejeitará o PIB como medida razoável de desempenho econômico (para não falar do uso abusivo que fazem dele para medir bem-estar ou progresso).

O tema das mudanças climáticas tem revelado um grande descompasso entre a ciência, que denuncia grandes prejuízos ecológicos, sociais e econômicos ao longo deste século, e a política, que tem se mostrado insensível ao sentido de urgência que a questão requer. Tudo indica que um acordo global pós-Quito, com compromissos de redução de emissões, só poderá ser firmado a partir de 2020. Como o senhor avalia esse descompasso?

A grande desgraça foi o Protocolo de Quioto. Um acordo totalmente equivocado, que agora impõe imensos prejuízos por simples inércia institucional. Não dá para esperar mais nada dessas negociações em torno da Convenção do Clima. A esperança é que surja logo alguma inovação revolucionária no âmbito energético, suficiente para tornar quase dispensáveis outros “círcos” chamados de COP. Se essa inovação energética demorar, é quase inevi-

tável que surjam iniciativas unilaterais de geoengenharia antes que a elevação da temperatura deste século ultrapasse muito a prudência dos 2 graus centígrados. Nesse caso, será fundamental torcer para que efeitos indesejáveis dessas iniciativas não provoquem desastres naturais ainda mais graves que os previstos nos piores cenários do IPCC.

Passados 20 anos desde a Rio-92, diversos sistemas de avaliação da sustentabilidade têm sido propostos, sem que tenhamos chegado a um consenso mínimo que permita o monitoramento e a avaliação de desempenho das economias. Quais foram os avanços e quais as perspectivas para se chegar a esse consenso mínimo?

De todos os indicadores construídos nesses 20 anos, a única abordagem que tem se mostrado razoável é a da Pegada Ecológica, que começa a gerar outras abordagens bem mais precisas, por meio de desagregação. É o caso da Pegada Hídrica, por exemplo, e da Pegada Carbono, que precisa substituir o péssimo viés introduzido pelo Protocolo de Quioto. O principal problema é que, no caso da biodiversidade, fica difícil usar essa abordagem. Da mesma forma, não parece razoável que surja uma pegada referente a um dos três principais pilares da insustentabilidade: o excesso de nitrogênio (e de fósforo).

A Rio+20 poderá contribuir para um avanço significativo nesses âmbitos de avaliação e monitoramento?

Com certeza, pois ao recomendar que a ONU adote ODSs (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) haverá necessariamente um processo de decantação dos melhores indicadores. Mais ainda se a conferência desencadear o processo de superação do PIB, pois será quase inevitável que ele siga as recomendações do Relatório Stiglitz-Sen-Fitoussi, discutidas no livro *Mis-Measuring Our Lives, Why GDP Doesn't Add Up*.